

Bancos se preparam para 'batalha' contra Americanas

Varejo Conversa azeda após varejista obter proteção contra credores por 30 dias, BTG fala em 'fraude confessada'
Bancos vão à Justiça contra Americanas

Talita Moreira, Maria Luíza Figueiras e Fernanda Guimarães De São Paulo

Bancos credores da Americanas se armam para uma batalha judicial contra a varejista, que conseguiu uma decisão na noite de sexta-feira que a protege da cobrança de dívidas por um mês. Já o primeiro recurso foi impedido no sábado pelo BTG Pactual, que tem R\$ 1,9 bilhão a receber da empresa. Outras instituições financeiras pretendem entrar com ações nos próximos dias, apurou o Valor.

Executivos dos bancos passaram o fim de semana em conversas entre eles e com seus respectivos departamentos jurídicos para definir os próximos passos.

Obtida pela Americanas na noite de sexta-feira, a medida cautelar antecipa, na prática, os efeitos de uma recuperação judicial — algo que os bancos querem evitar porque reduz a margem de negociação para receber o que a empresa lhes deve. Ao mesmo tempo, as instituições financeiras pretendem pedir explicações detalhadas sobre as "inconsistências contábeis" de R\$ 20 bilhões reveladas pela Americanas para entender se são fruto de erro ou resultado de fraude. Tais problemas levaram Sérgio Rial a renunciar ao cargo de CEO, na quarta-feira, depois de apenas dez dias.

O clima entre os bancos e os acionistas de referência da Americanas — o trio formado por Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Carlos Alberto Sicupira — já estava tenso, mas piorou muito com a decisão judicial obtida pela empresa. O movimento pegou os credores de surpresa e gerou irritação entre eles.

Na cautelar, a Americanas apresentou dívida de R\$ 40 bilhões. A companhia deve R\$ 18,8 bilhões às



Rial disse aos bancos que acionistas de referência aportariam R\$ 6 bilhões

instituições financeiras, segundo lista obtida pelo Valor. No balanço do terceiro trimestre, a empresa apresentava um endividamento bruto de R\$ 19,3 bilhões.

Os bancos haviam sinalizado que estavam dispostos a rolar as dívidas da empresa. Para isso, querem que os acionistas de referência façam um aporte na Americanas. As instituições financeiras calculam que será necessária uma capitalização entre R\$ 10 bilhões e R\$ 12 bilhões para sanar os problemas. Rial, representando os acionistas, acenou na sexta-feira com algo em torno de R\$ 6 bilhões.

Diante do impasse, Rial ficou de conversar novamente com os acionistas e voltar aos bancos com uma resposta, o que era esperado para esta segunda-feira. Mas a decisão da Americanas de buscar proteção na Justiça contra credores, por 30 dias, mudou o cenário e azedou o humor. A partir daí, os bancos também passaram a pensar numa solução judicial.

O BTG Pactual tentou derrubar o

bloqueio de execuções obtido pela Americanas no TJ-RJ, mas o desembargador de plano neste domingo, Luiz Roldão Filho, não deferiu o pedido, alegando não ser de sua competência. A varejista havia ido à Justiça depois que o banco bloqueou R\$ 1,2 bilhão em aplicações da empresa, como garantia de pagamento antecipado de dívidas.

No pedido, o BTG define o rombo na Americanas como "fraude confessada" e fala da capacidade de pagamento. "Num processo de recuperação ordinário, os insucessos corriqueiros de uma atividade empresarial podem ser compartilhados numa barganha coletiva entre empresário-devedor e credores (...), já numa crise de insolvência de uma empresa que tem fraude contábil em seu modelo de negócio, não há função social subjacente que se possa preservar", disse o banco na ação. E emendou: "Fraude contábil não é função social legítima, merecedora de proteção da lei, mas ato que deve ser punido severamente, com suas po-

Exposição à Americanas

Quem são os bancos credores da varejista - em R\$ bilhões

	Risco sacado*	Total geral
Bradesco	3,9	4,7
Santander	1,8	3,7
Itaú Unibanco	2,7	3,4
Safra	2,1	2,5
BTG Pactual	1,9	1,9
Banco do Brasil	0,3	1,3
BV	0	0,4
Daycoval	0,6	0,6
ABC	0,3	0,3
Total	13,6	18,8

R\$ 40 bilhões é o valor que Americanas alega ter em dívidas, em um pedido de tutela de urgência cautelar, concedido pela Justiça na sexta-feira

30 dias é o prazo dado pela Justiça suspendendo a cobrança de dívidas por parte de credores da Americanas. Depois disso, Americanas poderá ou não pedir recuperação judicial

*Fonte: Informações do mercado obtidas pelo Valor. **Transmissão para pagar fornecedores.

tenciais consequências criminais". Além das operações de antecipação de recebíveis a fornecedores da Americanas, contabilizadas no risco sacado, o BTG também fez operações de derivativos para a B2W, empresa do grupo Americanas. Essas operações teriam sido a motivação principal do bloqueio, uma vez que teriam gerado chamada de margem, com custo para o banco.

Uma tese que circula entre os credores faz paralelos entre o erro bilionário do balanço da gigante de alimentos Kraft Heinz, investida da 3G Capital (fundada pelo trio Lemann, Telles e Sicupira), com a incongruência do balanço da Americanas. Na Kraft, a área de compras declarava descontos inflados de fornecedores e isso ajudava a aumentar o lucro. A SEC (a CVM dos Estados Unidos) acabou multando a companhia.

Caso não se chegue a um entendimento, há quem também cogite pedir à Justiça o afastamento da diretoria e de conselheiros da Ameri-

canas. Sicupira e Paulo Lemann, filho de Jorge Paulo, são membros do conselho da Americanas.

Não bastasse a surpresa com o rombo de R\$ 20 bilhões, os credores também estão incomodados com a intermediação escolhida pela Americanas e com a composição do comitê independente criado para apurar potenciais irregularidades.

Ninguém tem nada contra Rial, ao contrário. Mas, como o próprio executivo deixou claro, ele não pode tomar decisões em nome da empresa e, além disso, há um potencial conflito de interesses, apontam três fontes. O Santander é um dos maiores credores, inclusive na conta do risco sacado, e Rial continua sendo o chairman do banco no Brasil.

Na reunião com bancos na sexta-feira, Rial afirmou que não tem mandato para fazer promessas ou bancar cifras. "Se ele não pode negociar, por que estamos abrindo negociação com ele?", questiona um dos credores mais irritados. O

alvo da fúria não é Rial, mas os acionistas de referência, que deveriam ter chamado para si ao menos a reunião inicial, numa sinalização mais firme aos bancos, avalia esse executivo.

Outro alvo de incômodo para os credores, o comitê independente criado pela Americanas para apurar os problemas passará por mudanças. Já foi definido que Pedro Melo será substituído. O executivo era presidente da KPMG quando a companhia auditava a Americanas, em exercícios anuais que serão justamente alvos do trabalho de supervisão. A PwC foi sucessora em período recente e também terá balanços escrutinados. Vanessa Lopes também pode ser substituída uma vez que estava no comitê de auditoria e faz parte do conselho há pouco mais de um ano. O comando do comitê segue com o

advogado Otavio Yazbek, ex-presidente da CVM e sócio fundador do Yazbek Advogados. O papel do comitê não é negociar com bancos ou pensar em reestruturação, mas averiguar se houve fraude.

Em nota divulgada na tarde deste domingo, a Americanas disse que a medida cautelar obtida para suspender a cobrança de dívidas "visa somente a sustentação jurídica necessária" para que a empresa e os credores tenham "chegar a um possível acordo".

"A Americanas reitera a importância da manutenção da liminar, apesar da tentativa de suspensão, o que poderia gerar assimetria entre os seus credores, inclusive bancos, e não ajudaria no processo", disse a empresa por meio de nota. "Nesse momento, a companhia segue acreditando na proteção da medida cautelar e no compromisso dos credores de retomarem com uma proposta. A Americanas apontará em breve a sua equipe de negociação com os credores." (Colaboração Adriana Martins)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Empresas **Caderno:** B **Página:** 7